

### 3.

## O EMPÍRICO: o papel da experiência na construção de teorias e a epistemologia naturalizada

### 3.1. Considerações gerais sobre o Naturalismo:

O naturalismo como método epistemológico conjuga cientificismo com negação da metafísica. Pelo valor que dá à ciência, o naturalismo ganhou um lugar privilegiado nas investigações filosóficas. Na literatura sobre o tema, é comum constar que Quine teria sido o grande responsável pela popularização deste ponto de vista. Mas ele não foi o primeiro a pensar o cientificismo, a anti-metafísica ou mesmo a propor o “naturalismo”. Uma das inspirações de Quine para seu projeto de naturalização da epistemologia foi John Dewey e é possível que o conceito de epistemologia naturalizada bem como o adjetivo ‘naturalizada’ tenha surgido a fim de que esta inspiração em Dewey ficasse marcada. Uma evidência para tanto é o fato de que Quine, ao referir-se à epistemologia em seus escritos iniciais não utiliza o termo naturalismo, mas o faz apenas tardiamente quando em uma homenagem à Dewey. A primeira nomeação objetiva que Quine faz de seu pensamento epistemológico ocorre no escrito de 1968 que desde então fica conhecido como “epistemologia naturalizada”, nome do artigo. Publicado no livro *Relatividade Ontológica e outros ensaios*, o artigo “Epistemologia Naturalizada” foi adaptado de uma conferência ministrada na Universidade Estadual de Michigan em 1965 sob o título “Estímulo e Significado”. É possível, portanto, que este artigo tenha ganhado o novo título em referência ao livro de Dewey *Experience and Nature*. Esta mudança de título ocorre porque o artigo seria publicado juntamente com as *John Dewey Lectures* em um livro que seria o primeiro de uma série de homenagens da Universidade de Columbia à John Dewey. Outro fato que traz mostra que o artigo, e conseqüentemente, o conceito de naturalismo epistemológico foram inspirados pelo pensamento de Dewey são as próprias palavras de Quine. Mantendo o entendimento de Dewey, Quine acredita que o espírito empírico que anima as ciências naturais pode ser aplicado ao conhecimento dos objetos da filosofia, que eram tradicionalmente pensados como pertencente a uma categoria diferente da dos objetos da ciência natural.

“Estou ligado filosoficamente à Dewey pelo naturalismo que dominou suas três últimas décadas. Com Dewey eu considero que conhecimento, mente, e significado fazem parte do mesmo mundo e que eles se relacionam e são para ser estudados com o mesmo espírito empírico que anima a ciência natural.”<sup>75</sup>

Assim como Dewey e os filósofos posteriores a ele que se proclamavam naturalistas, Quine defende que a filosofia deveria ser considerada e estudada como uma disciplina mais próxima das ciências naturais. Partindo do pressuposto de que a análise empírica é o meio mais confiável para o conhecimento, assumem que os termos abstratos devem ser tratados do mesmo modo que termos concretos e para isso, concluem que a melhor maneira de proceder é abrir mão das investigações não-empíricas e dissolvendo os limites entre as ciências naturais e a filosofia.

Entretanto, o naturalismo não é um conceito bem definido, uma doutrina homogênea. Ao contrário, ele é pensado e adotado por vários filósofos em diferentes áreas e tornou-se um conceito-slogan largamente adotado e raramente explicado<sup>76</sup>. Há diversos “naturalismos”. De uma forma geral, o naturalismo é isto que já foi dito: um modo de tratar os problemas filosóficos onde estes são interpretados à luz das ciências naturais. O naturalismo é um tipo de interpretação mais radical do empirismo, onde a metafísica, enquanto filosofia primeira e *a priori*, perde lugar para um exercício exegético da ciência natural sobre si mesma.

Alguns pressupostos intersectam as diferentes teses naturalistas. Eles são: (1) o conhecimento tem um caráter objetivo e positivo de modo que o método mais adequado para desenvolvê-lo é o empirismo cientificista que faz uso de hipóteses testáveis que podem ser descartadas ou adotadas de acordo com o crivo da experiência. (2) Só há conhecimento a partir do recolhimento de dados sensíveis a ponto de haver recusa em utilizar termos ou conceitos que não podem ser apontados ou avaliados materialmente. Para isso, escolhem fazer uso da linguagem das ciências empíricas. Conseqüentemente, (3) nega-se a importância e a eficácia de todo tipo de investigação não-científica ou mesmo meta-científica,

<sup>75</sup> “Philosophically I am bound to Dewey by the naturalism that dominated his last three decades. With Dewey I hold that knowledge, mind, and meaning are part of the same world that they have to do with, and that they are to be studied in the same empirical spirit that animates natural science.” *Ontological Relativity and Other Essays*. Pág. 26

<sup>76</sup> Estas afirmações tem como base “Naturalismo em Questão”, onde lê-se que “Naturalism has become a slogan in the name of which the vast majority of work in analytic philosophy is pursued, and its preeminent status can perhaps be appreciated in how little energy is spent in explicitly defining or explaining what is meant by scientific naturalism, or in defending it against possible objections.” *Naturalism in Question*. Pág.2

incluindo-se aí a metafísica e qualquer disciplina que procure fundamentar a ciência, ou apenas colocar-se como diferente dela, sem recorrer a termos e métodos usados pela própria ciência.

Quine esclarece que seu naturalismo não implica em um abandono da filosofia, mas em um novo modo de interpretá-la. A idéia geral que norteia seu projeto de reformulação da filosofia é a de que esta disciplina não é transcendente ou anterior à ciência, mas contínua com ela: “o reconhecimento de que é dentro da ciência ela mesma e não em alguma filosofia primeira que a realidade é para ser identificada e descrita.”<sup>77</sup> Assim, defende que todo tipo de investigação metafísica *a priori* e os conceitos não-empíricos devem ser abandonados<sup>78</sup>, pois dão origem a pseudo-problemas. Além disso, afirma que a filosofia não tem o papel de fundamentar as ciências e deve ser entendida apenas como um sistema conceitual que está em continuidade com elas. O naturalismo é definido como “o reconhecimento de que é dentro da ciência ela mesma e não em uma filosofia primeira que a realidade é para ser identificada e descrita.”<sup>79</sup> Quine recusa a idéia de que o trabalho dos filósofos é diferente de outros modos de investigação a ponto da filosofia poder ser considerada privilegiada por se fundamentar fora de um esquema conceitual dado. Defende que não há um exílio cósmico onde a atividade filosófica possa encontrar refúgio, pois ela enfrenta as mesmas dificuldades teóricas que aparecem a qualquer cientista. Assim, acolhe a metáfora de Neurath sobre a condição semelhante dos cientistas e filósofos: comparando a ciência a um barco quebrado em meio à tempestade, Neurath diz que se precisarmos reconstruí-lo, devemos fazê-lo parte por parte em mar aberto, ainda que não haja porto para permitir que a tarefa seja realizada com segurança.

<sup>77</sup> “the answer is naturalism: the recognition that it is within science itself, and not in some prior philosophy that reality is to be identified and described” em “Things and their place in theories” pág.21.

<sup>78</sup> Entretanto, Quine reconhece em certa medida a necessidade de se pensar a existência e conceitos abstratos e procura mostrar a importância de se mapear os comprometimentos ontológicos das teorias que utilizamos. A aceitação de conceitos abstratos e metafísicos, por parte de Quine, é limitada aos conceitos que são estritamente necessários para a verdade de dada teoria. Porém, o uso de conceitos abstratos varia de teoria para teoria e não há um parâmetro único para a decisão a respeito de quais conceitos devem ser mantidos e quais excluídos da teoria. A estipulação de limites para o uso e a incorporação de conceitos abstratos em teorias é confusa na medida em que pequenas concessões aos casos excepcionais parecem ser inevitáveis. Assim, usar as ciências naturais como modelo para a prática filosófica e a estipulação de limites na incorporação de conceitos abstratos nas teorias não esclarece porque deveríamos permitir conceitos sem referência empírica nas ciências naturais e abolir conceitos abstratos da filosofia sendo uma estipulação arbitrária.

<sup>79</sup> “The recognition that it is within science itself and not in some prior philosophy, that reality is to be identified and described” *Theories and Things*, pág.21

“Devemos reconstruir cada pedaço de madeira, um após o outro, enquanto nos mantemos flutuando sobre eles. O filósofo e o cientista estão no mesmo barco.”<sup>80</sup>

O naturalismo apresenta um modo de interpretar a filosofia perante a ciência procurando estipular limites ontológicos metodológicos para a atividade filosófica, reposicionando-a frente à atividade científica. Alguns naturalistas tomam estes limites como definidores de uma rejeição ontológica de tudo que pode ser considerado “sobrenatural”, ou seja, deuses, almas e outras entidades escusas e misteriosas que não podem ser analisadas e testemunhadas pelos sentidos são banidas do discurso filosófico<sup>81</sup>. Alguns naturalistas de inclinação nominalista, interpretam que os objetos abstratos, os universais e os conceitos teóricos pertencem à classe de coisas sobrenaturais por sua natureza não-empírica. E assim, equivocadamente, alguns naturalistas colapsam o “sobrenatural” e o “abstrato”, submetendo diferentes conceitos à mesma categoria. Faz parte da estratégia epistemológica de Quine desviar a pesquisa filosófica de explicações que confrontem com a análise científica, mas sua rejeição às entidades abstratas não repousa em um fácil repúdio *ad hoc*. Do contrário, Quine as aceita na medida em que são úteis para a ciência natural.

Diferente de alguns naturalistas Quine, por sua vez, garante – ainda que possamos duvidar de sua garantia- que “seu propósito não é a demarcação”<sup>82</sup> do escopo da filosofia. Seu propósito não é demarcar os limites da atividade filosófica, mas mostrar que o mais razoável que podemos procurar realizar com a epistemologia é a formação de um inventário descritivo da realidade, onde os resultados serão necessariamente testáveis e suscetíveis ao método hipotético dedutivo. Para o naturalismo de Quine, precisamos assumir que mesmo o filósofo

---

<sup>80</sup> “We must rebuild plank by plank, while staying afloat in it. The philosopher and the scientist are in the same boat” *Word and Object*, pág. 3.

<sup>81</sup> Parece causar surpresa, por estar fora de contexto, a menção à temática do imaterial e do sobrenatural. Mas mesmo se partirmos do princípio de que a temática do “sobrenatural” não faz parte da epistemologia, é legítimo lembrar que este tipo de preocupação já foi urgente em outros períodos da história da filosofia quando não haviam diferenças marcadas entre epistemologia e metafísica. Vale ressaltar que no período medieval era dada ênfase a questões que hoje nos soam estranhas como, por exemplo, qual a substância constituinte da realidade, ou qual a matéria dos pensamentos. Houve incontáveis debates sobre a natureza dos universais, sobre como a alma se relaciona com o corpo e forma idéias, e se essas idéias e outras coisas produzidas e capturadas pelas almas permaneceriam ou não depois da morte do corpo. As respostas para estes problemas metafísicos eram fundamentais para questões teológicas e políticas. Sublinho o fato de que enquanto as questões eram teológicas, a presença da filosofia se dava no modo de construir respostas.

<sup>82</sup> “demarcation is not my purpose” em “Naturalism; or Living Within One’s Means.” Pág. 402

começa sua pesquisa em meio às coisas naturais e concretas e a partir de um sistema conceitual já dado. A filosofia naturalista, diz Quine, é contínua com o senso comum e a ciência onde sua tarefa é clarificar, organizar e simplificar os mais básicos e amplos conceitos, analisando o método científico e as evidências a partir da estrutura mesma das teorias científicas. Conseqüentemente, nega a importância e a eficácia de todo tipo de investigação supra-científica ou mesmo meta-científica e retoma várias vezes esta mesma definição e metáfora:

“Minha posição é naturalista, eu vejo a filosofia não como uma propedêutica *a priori* ou uma base para a ciência, mas como contínua com a ciência. Eu vejo a filosofia e a ciência no mesmo barco – um barco no qual, para voltar à analogia de Neurath que eu tanto uso, só podemos reconstruir no mar e quando estamos dentro dele. Não há um ponto externo que nos dê vantagem, não há filosofia primeira.”<sup>83</sup>

Não há um ponto exterior, porque o único material disponível são as teorias e estas, por sua vez são pensadas por Quine como uma teia de sentenças, todas vindas da experiência, mas com diferentes implicações empíricas onde umas são mais remotas e difusas que outras. Em *WO* ele afirma que “a teoria como um todo é um tecido de sentenças associadas de formas variadas entre umas e outras e a estímulos não-verbais através dos mecanismos de resposta condicionada”, e também que “a teoria pode ser deliberada ou pode ser um hábito. Em qualquer um dos casos, a teoria é um caso de compartilhamento, através de sentenças, de suportes sensoriais.” O compartilhamento das sentenças com suportes sensoriais é um pressuposto do naturalismo de Quine. Como dito, para a epistemologia naturalista só há conhecimento a partir do recolhimento de dados sensíveis a ponto de haver recusa em utilizar termos ou conceitos que não podem ser avaliados materialmente. Poderíamos pensar que a demanda por evidências empíricas é uma exigência trivial, pois é característico de todas as evidências que elas venham dos sentidos. Porém, o interesse de Quine é em mostrar que mesmo as hipóteses e os conceitos mais abstratos das teorias podem ser avaliados empiricamente através de uma explicação em termos de causa e efeito, do mesmo modo que as hipóteses testáveis e os conceitos relativos aos objetos concretos

---

<sup>83</sup> “My position is a naturalistic one; I see philosophy not as an apriori propaedeutical or groundwork for science, but as continuous with science. I see philosophy and science in the same boat – a boat which, to revert to Neurath’s figure as I so often do, we can rebuild only at sea while staying float in it. There is no external vantage point, no first philosophy” em “Natural Kinds” Págs. 114-138

podem ser avaliados. Assim, Quine procura encontrar uma base comportamentalista e científica para a linguagem e o pensamento.

“como instrumentos de clarificação e análise filosófica e científica eu procurei mais no primeiro plano, encontrando sentenças... e disposições para consenti-las. Sentenças são observáveis, e disposições para consentir são perfeitamente acessíveis através de seus sintomas observáveis. Juntando observáveis a observáveis, estes e outros, e conjecturando conexões causais, podemos buscar um conhecimento parcial, basicamente neurológico, do que é comumente chamado de pensamento ou crença.”<sup>84</sup>

Este critério comportamental, a disposição para o assentimento, é uma demanda empírica. Quine defende, a partir de um ponto de vista da psicologia empírica, que fatos e comportamentos observáveis podem ser usados como evidência na imputação de um pensamento ou crença em um falante. Esta demanda por critérios comportamentais é o método próprio à epistemologia naturalizada, que coloca a ciência como limite ou horizonte do conhecimento possível e procura evitar as investigações *a priori*. O entendimento de Quine a cerca da possibilidade do conhecimento e o papel da epistemologia tem como modelo e parâmetro a psicologia comportamentalista e as ciências naturais.

Porém, há uma questão que pretendo sublinhar: o interesse maior de Quine em relação às ciências é pelo princípio que as anima. Sua busca é notadamente abstrata, pois o que ele realiza é uma descrição e um desenvolvimento filosófico dos princípios epistemológicos que movem as ciências. Quine não recorre às experimentações típicas da prática científica propriamente dita. Ainda que busque intrinsecamente filosofia e ciência, sua prática é claramente teórica e seu objetivo é direcionado para o esclarecimento dos métodos e princípios que movem as ciências sendo, por isso, uma prática comum à epistemologia tradicional. O interesse deste capítulo está em descrever a estratégia lingüística comportamentalista presente no naturalismo a fim de mostrar como Quine conjuga experiência e teoria. Ao final do capítulo ofereço críticas a esta estratégia e levanto questões acerca do naturalismo de Quine.

---

<sup>84</sup> “For instruments of philosophical and scientific clarification and analysis I have looked rather in the foreground, finding sentences... and dispositions to assent. Sentences are observable, and dispositions to assent are fairly accessible through observable symptoms. Linking observables to observables, these and others, and conjecturing causal connections, we might then seek a partial understanding, basically neurological, of what is loosely called thought or belief.” Em *Theories and Things*, pág.184

### 3.2. O empirismo naturalista de Quine

O objetivo que tenho com essa seção é mostrar a força que a concepção comportamentalista da linguagem tem na fundamentação da epistemologia quineana. Também pretendo relacionar esta perspectiva behaviorista da linguagem com o holismo e as metas do empirismo naturalista. Estas duas teses, o holismo e o comportamentalismo lingüístico, são centrais no naturalismo e, diferente da subdeterminação e a distinção analítico-sintético, elas são defendidas com ardor ao longo dos trabalhos filosóficos de Quine. Sem mitigar os pressupostos e argumentos que sustentam estas teses, Quine as afirma deste o esboço até o momento em que as apresenta sob a forma mais completa de um naturalismo propriamente dito. Para tentarmos sistematizar minimamente sua epistemologia, irei percorrer brevemente os seguintes trabalhos: os três primeiros capítulos do livro *Word and Object* de 1960, o artigo de 1969 “Epistemology Naturalized” e o primeiro capítulo do livro de 1992 *Pursuit of Truth*. Nestas obras, procuro identificar os pontos problemáticos na captura da experiência pela linguagem segundo a hipótese comportamentalista e o holismo.

Em *Word and Object*, o naturalismo não é apresentado sistematicamente, mas encontra-se esboçado assim como no artigo de 1951, onde lança suas bases através das críticas ao empirismo clássico. Ali, apresenta a linguagem como uma arte social que para ser dominada exige que saibamos ler as pistas para a troca comunicativa, que são oferecidas não-verbalmente pelas pessoas através de seus comportamentos. Estas pistas funcionam como um caminho para o aprendizado da comunicação e a troca intersubjetiva. Deste modo, quando aprendemos a nos comunicar, aprendemos mais do que o emprego das palavras. A linguagem quando é ensinada, também veicula a cultura, o senso comum e teorias. A tarefa da ciência é tornar estas pistas comportamentais e a aprendizagem difusa, cada vez mais evidente, pois ela é “o senso comum tornado autoconsciente<sup>85</sup>”. A filosofia, por sua vez, é um esforço para tornar as coisas claras e não deveria ser diferente da boa e da má ciência no que diz respeito ao propósito e ao método. Neste esboço introdutório ao naturalismo, em *Word and Object* a metáfora do barco de Neurath é retomada e Quine propõe que todas as coisas externas só

---

<sup>85</sup> *Word and Object*, pág 3. “science is self-conscious common sense.” Daqui para frente usarei *WO* para designar o livro *Word and Object*.

podem ser conhecidas através de suas ações em nosso corpo, mantendo a soberania da observação e investigação empírica.

Por ser uma arte social, o aprendizado da linguagem é realizado através de treinamentos: “a sociedade, agindo somente sobre manifestações que sejam claras, foi capaz de treinar o indivíduo para falar a coisa socialmente própria como resposta até para estimulações socialmente indetectáveis.<sup>86</sup>” Nenhum proferimento ocorre independente de treinamentos, pois as palavras são instrumentos sociais e se não forem objetivamente compreendidas não cumprem sua função. Aprendemos palavras através de estímulos sensórios. Assim, quanto mais objetivo for o uso de uma palavra, seremos mais expostos a ela e encorajados a realizar o mesmo uso. O aprendizado das palavras depende da objetividade de seu emprego porque a compreensão precisa permitirá um uso comum e disseminado. A repetição constante de um determinado emprego de uma palavra leva uniformidade à comunicação, pois mantém alguma coesão na caótica diversidade de conexões individuais e subjetivas entre palavras e experiências pessoais. Quine propõe a seguinte analogia para mostrar a eficácia da objetividade e do treinamento:

“diferentes pessoas quando crescem falando a mesma língua são como arbustos diferentes que são podados e acostumados a tomar a forma de elefantes idênticos. Os detalhes anatômicos dos gravetos e dos galhos vão preencher a forma elefântica de modo diferente de arbusto para arbusto, mas o resultado geral final é semelhante.<sup>87</sup>”

Ainda que as experiências no aprendizado da linguagem sejam únicas para cada pessoa, a coesão se dá pelo compartilhamento da forma do uso, resultado de um processo de repetição e estímulo. Ou seja, a uniformidade característica do uso da linguagem não anula a diversidade subjacente. Mais adiante no texto, Quine dirá que

“abaixo da uniformidade que nos une na comunicação, há uma caótica pessoalidade na diversidade de conexões e, para cada um de nós, as conexões

---

<sup>86</sup> “society, acting solely on overt manifestations, has been able to train the individual to say the socially proper thing in response even to socially undetectable stimulations” *WO*, pág. 5

<sup>87</sup> “Different persons growing up in the same language are like different bushes trimmed and trained to take the shape of identical elephants. The anatomical details of twigs and branches will fulfill the elephantine form differently from bush to bush, but the overall outward results are alike.” *WO*, pág.8



continuam a se desenvolver. Nem duas pessoas aprendem a linguagem do mesmo modo ou, de forma alguma, elas param de aprender enquanto estiverem vivas.<sup>88</sup>”

Mesmo que o processo de aprendizado da linguagem ocorra de modo particular, seu uso é público e objetivo. O aprendizado pode ocorrer de infinitas maneiras, a partir de diferentes estímulos, mas se a linguagem não seguir um padrão mínimo de uso, ela não é eficaz.

Tanto palavras como sentenças mais complexas são apreendidas como uma unidade por consequência do condicionamento ao qual estamos dispostos, e que relaciona a sentença a uma diversidade de estímulos sensoriais. Quine considera que as sentenças podem ser aprendidas com um todo único ou em partes. Por exemplo, “Ai! [é] uma sentença de uma palavra só<sup>89</sup>”. A totalidade de uma sentença pode ser dividida em partes, mas sempre são aprendidas contextualmente e só fazem sentido em relação à complexa totalidade da linguagem. Podemos dividir uma frase, retirar partes e uni-las a outras. Deste modo, geramos novas sentenças que podem ou não ser análogas às primeiras. Estas sentenças são associadas por um procedimento lingüístico, e não estão vinculadas a nenhum conjunto determinado de estímulos não-verbais.

Mas o processo de associação de sentenças aos estímulos e associação de sentenças com sentenças não se exaure porque funciona através de uma dupla direção. O aprendizado começa com a associação de sentenças a certos estímulos não verbais, e posteriormente, quanto mais formos capazes de associar sentenças com sentenças, melhor será nossa interação com os estímulos não-verbais. Há uma dupla dependência entre estímulos não-verbais e sentenças onde os estímulos definem sentenças que por sua vez capturam com maior precisão os estímulos. A linguagem não é um conjunto finito de sentenças descritivas dos fatos, mas por sua flexibilidade e natureza própria, ela vai além das experiências vividas. De fato, diz Quine, “são em casos deste tipo [onde associamos sentenças com sentenças independente de experiências particulares] que melhor ilustram como a linguagem transcende os confinamentos da descrição essencialmente

---

<sup>88</sup> “Beneath the uniformity that unites us in communication there is a chaotic personal diversity of connections, and for each of us, the connections continue to evolve. No two of us learn our language alike, nor, in a sense, does any finish learning it while he lives.” *WO*, pág 13.

<sup>89</sup> “Ouch was a one-word sentence” *WO*. pág.9

fenomênica.<sup>90</sup>” Assim, há casos onde o aprendizado se dá por associação de sentenças a estímulos meramente visuais e não-verbais, e casos onde a associação ocorre por estímulos verbais exclusivamente como, por exemplo, algumas das interrogações.

Desta descrição breve e crua do aprendizado da linguagem e dos vínculos entre experiência e linguagem, Quine passa a explorar a formação das teorias, um caso mais complexo de relação entre sentenças. Quine reconhece que explicar a concatenação de sentenças em uma teoria através destes simples casos de associação a estímulos verbais e não verbais não é uma tarefa fácil (e poderíamos questionar se é, inclusive, possível). Ainda assim, insiste e afirma que até os conectivos lógicos e causais são fruto do mesmo processo de condicionamento via estímulo-resposta. As leis lógicas e causais são, também, apenas sentenças no interior de uma teoria, aprendidas e anexadas ao nosso repertório verbal através das experiências. Então, sugere que “as teorias, como um todo – neste caso, um capítulo de química adicionado a adjuntos relevantes da lógica e outros- é um tecido de sentenças associadas variadamente entre si e a estímulos não-verbais pelos mecanismos de resposta condicionada.<sup>91</sup>” O principal aspecto desse tecido de sentenças é o fato de que as teorias implicam em um compartilhamento de suportes sensoriais. Esta caracterização empírica da linguagem é ponto fundamental do naturalismo, pois mostra a possibilidade de um estudo cientificista da linguagem, livre de explicações metafísicas, como deseja Quine. Como as sentenças são associadas a suportes sensoriais, Quine considera que assim é possível mapear fisicamente os estímulos que levam a tal e tal pensamento, que neste caso são considerados como sentenças. A possibilidade de se mapear os estímulos mantém o acesso aos pensamentos ou conteúdos significativos das sentenças e teorias no nível empírico. E também, a análise e fundamentação no comportamento são feitas a fim de que a função social que a linguagem cumpre, agindo como ponte intersubjetiva, permita a explicação do uso das palavras em termos de causa e efeito.

<sup>90</sup> “and in fact it is cases of this kind that best illustrate how language transcends the confines of essentially phenomenalist reporting”. *WO*, pág. 10

<sup>91</sup> “The theory as a whole – a chapter of chemistry, in this case, plus relevant adjuncts of logic and elsewhere- is a fabric of sentences variously associated to one another and to non-verbal stimuli by the mechanism of conditioned response.” *WO*, pág. 11. Na tradução de Sofia Stein e Desidério Murcho, a expressão “fabric of sentences” foi traduzida como “trama de frases”. Prefiro manter meu entendimento, e deixar a tradução como “tecido de sentenças”, pois vejo “tecido” como uma metáfora mais ilustrativa do que “trama”.

O uso da metáfora do tecido de sentenças é uma maneira de ilustrar outra tese que depende de sua concepção lingüística, o holismo. A imagem de um tecido não é gratuita e ela ilustra corretamente a idéia de que os conteúdos empíricos verificáveis em uma sentença só podem ser analisados ou determinados quando as sentenças estão contextualizadas em um todo teórico amplo. Sozinhas, elas não indicam nada, mas quando numa tessitura, a determinação dos estímulos e experiências geradoras destas sentenças é possível. Ou seja, quando as sentenças estão concatenadas sob a forma de uma teoria, elas perdem sua individualidade e nenhuma, sozinha, é a responsável pela teoria ou pelo conteúdo empírico que oferecem. Adianto que esta concepção holística da linguagem e das teorias é um fator problemático porque não nos permite saber qual sentença nos causa problemas quando a teoria encontra barreiras. O holismo contribui para a formação da conjectura da subdeterminação das teorias em relação aos fatos<sup>92</sup>. Mostrarei os problemas aos quais as fundações do naturalismo levam no próximo capítulo. Aqui ainda estou interessada em analisar como Quine estrutura as relações entre experiência e linguagem, linguagem e teoria, e entre teoria e experiência.

Para o holismo e a unidade de sentenças em uma teoria, Quine utiliza outra metáfora, a do arco: “em um arco, o bloco de cima é suportado por outros blocos da parte superior e finalmente por todos os blocos de base coletivamente e por nenhum individualmente, e assim são as sentenças, quando agrupadas em uma teoria<sup>93</sup>.” Este arco ou este tecido formam uma estrutura de sentenças interconectadas que, em sua totalidade, “incluem todas as ciências, e certamente tudo o que podemos falar sobre o mundo, porque ao menos as verdades lógicas e, sem dúvida, algumas sentenças lugar-comum são fundamentais para todos os assuntos e fornecem as conexões entre eles.<sup>94</sup>” Assim, para Quine, a totalidade da linguagem envolve a totalidade de nosso conhecimento sobre o mundo. A

---

<sup>92</sup> Em “On Empirically Equivalent Systems of the World” Quine expõe esta consequência: “If in the face of adverse observations we are free always to choose among various adequate modifications of our theory, then presumably all possible observations are insufficient to determine theory uniquely.”

<sup>93</sup> “In an arch, an overhead block is supported immediately by other overhead blocks, and ultimately by all the case blocks collectively and none individually; and so it is with sentences, when theoretically fitted.” *WO*, pág.11

<sup>94</sup> “This structure of interconnected sentences is a single connected fabric including all sciences, and indeed everything we ever say about the world; for the logical truths at least, and no doubt many more commonplace sentences too, are germane to all topics and thus provide connections.” *WO*, pág 12-23

linguagem está carregada de teoria, seja ela presente por deliberação ou espontaneamente como uma segunda natureza. Mesmo assim, não fica claro em que medida o comportamento lingüístico por si só é capaz de ser uma boa justificação para que as construções teóricas sejam realizadas de uma forma e não de outra. O aprendizado da linguagem e o comportamento verbal são, certamente, fatores necessários para a comunicação e construções lingüísticas mais sofisticadas como as teorias científicas, entretanto, não são suficientes para explicar a complexidade destas construções.

A estratégia de Quine, por sua filiação ao holismo, é apresentar a estrutura da linguagem sempre em bloco. Poderíamos pensar que palavras têm sentidos se tomadas isoladamente e que conectivos lógicos indicam relações que estabelecemos entre as coisas. Ainda que estas intuições sejam legítimas, Quine defende a impossibilidade de conseguirmos isolar partes de sentenças e entendermos o que palavras e conectivos são sem que façamos referência ou uso de um conhecimento prévio sobre sentenças. Aprender uma nova palavra é aprender a relacioná-la entre frases. O que acontece é um aprendizado de um contexto no qual a palavra pode ser utilizada e encaixada em diversas sentenças. Os próprios contextos de utilização também geram vocabulários específicos que são mais abstratos por fazerem parte do grupo de palavras que descrevem o emprego das próprias palavras. Este aprendizado ocorre, obviamente, de um modo mais abstrato do que nas situações específicas de estímulo direto. De todo modo, as palavras aprendidas contribuirão para o enriquecimento da linguagem que, por sua vez, permitirá incursões sociais cada vez mais precisas e complexas.

Esta diferença gera um aspecto sentencial importante para o naturalismo: o grau de observabilidade do conteúdo empírico das sentenças. Algumas, quando combinadas com outras formam termos gerais abstratos. Os termos abstratos não são observáveis em sua generalidade, mas alguns são visíveis em casos particulares que são um exemplo de tal generalidade. Ou seja, em alguns casos é possível testemunharmos objetivamente um caso particular no qual o termo abstrato se aplica, mas em outros não. Uma maçã vermelha é um caso de aplicação de “vermelho”, por outro lado, não há um exemplo visível de coisa infinita. O “infinito” é um conceito que não pode ser apontado ou visto, e só é entendido por causa de suas relações com outros conceitos abstratos. Quine novamente explica esta diferença pelo modo como aprendemos a linguagem.

Aprendemos a falar “mãe” porque a palavra era pronunciada a cada vez que nossa mãe ou o estímulo-sensível de “mãe” aparecia. Mas por outro lado, aprender a palavra “vermelho” já exigiu mais de nossa capacidade de abstração. Para tanto, nos apresentaram várias coisas com a cor vermelha. Num primeiro momento, não dava para saber ao quê o nome “vermelho” se referia, pois cada vez que nos apontavam uma parte do objeto para mostrar que ali estava o “vermelho”, víamos tanto a cor quanto as formas. Porém, com o tempo, fomos apresentados a coisas muito diferentes entre si que só tinham um aspecto visivelmente semelhante, a cor. Então, através de exaustivas amostras e apontamentos, compreendemos o que é o vermelho, ou melhor, aprendemos onde esta palavra se aplica. Este modo de aprender ocorre por associação, indução e generalização a partir de estímulos sensíveis, e funciona para palavras que podem ter sua referência apontada e mostrada visualmente.

“Podemos imaginar um uso primitivo de “vermelho” como uma sentença de uma palavra só, semelhante ao uso de “Ai!”. Assim como “Ai!” é um proferimento apropriado em uma ocasião de estímulo que gera dor, também “vermelho” o é sob um certo uso que agora imagino, ele é o proferimento adequado na ocasião em que distinguimos o efeito fotoquímico que ocorre na retina quando sob o impacto da luz vermelha. Desta vez, o método social de treinamento consiste em premiar o uso da palavra “vermelho” quando o indivíduo é visto olhando para algo vermelho e penalizá-lo quando visto olhando para outra coisa.”<sup>95</sup>

Para aprender palavras deste modo, através de apontamentos e confirmações, é preciso que a coisa a ser descrita seja a mesma toda vez que o aprendiz a observe e que as ocasiões de aplicação da palavra sejam de tal maneira semelhantes que tanto aprendiz como professor sejam capaz de detectá-las. Assim, diferentemente de “vermelho”, palavras como “molécula” e “infinito” são imunes a apontamentos. Seria mais fácil se pudéssemos apontar a “justiça”, o “bem”, o “infinito” e as operações matemáticas. Mas estas palavras são conceitos e toda vez que apontamos um caso de “justiça” ou dizemos que o mar tem uma quantidade de água “infinita” ou mesmo mostramos uma molécula de carbono no microscópio, precisamos fazer uso de outro artifício para que a coisa vista seja

---

<sup>95</sup> “We can imagine a primitive use of ‘red’ as a one word sentence somewhat on pair with ‘ouch’. Just as ‘ouch’ is the appropriate remark on the occasion of painful stimulation, so ‘red’ under the usage which I am now imagining, is the appropriate remark on the occasion of those distinctive photochemical effects which are wrought in one’s retina by the impact of red light. This time society’s method of training consists in rewarding the utterance of ‘red’ when the individual is seen looking at something red, and penalizing it when he is seen looking at something else.” *WO*, pág.6.

compreendida. Apontar, nestes casos, não é suficiente, precisamos descrever: “O que torna as coisas não-sensíveis descritíveis de modo inteligível é a analogia, notadamente uma forma especial de analogia conhecida como “extrapolação”<sup>96</sup>” Segundo Quine, é através de uma analogia de relação com coisas sensíveis e concretas que podemos compreender as coisas não-sensíveis. Mas além da analogia, é preciso também aprender a função da palavra contextualmente, como um fragmento de sentenças adequadas a certas circunstâncias. Assim, neste caso, aprender a palavra é também aprender a teoria onde ela se insere.

Assim, é natural que as sentenças que expressam descrições diretas das coisas sejam aquelas que contam como evidência empírica na estrutura de uma teoria. Estas sentenças são as mais básicas e são chamadas sentenças de observação (*observational sentences*). Estas são as formulações mais básicas da língua porque descrevem os estímulos sensoriais e comandam o que Quine chama de vereditos não-oscilantes (*unwavering verdicts*), ou seja, confirmações intersubjetivas sobre a validade da sentença que ocorrem de modo estável. Se dois teóricos não concordam em alguma coisa, provavelmente a discordância se dá em um nível superior de relação entre sentenças e não no âmbito das coisas observadas. As sentenças de observação não são sobre observações ou sensações, pois são o que há de mais próximo à observação e à sensação. Elas seriam, portanto, o substituto lingüístico de percepções imediatas.

É através das sentenças de observação que são verbalizadas as predições que permitem a checagem de uma teoria. Elas são o veículo da evidência científica, pois podem ser avaliadas intersubjetivamente. Quine afirma que a vantagem das sentenças de observação é que elas encadeiam teoria e observação sem ser necessária uma definição mais apurada do que sejam as evidências. Elas cumprem esta função porque estão associadas à estímulos sensoriais e às respostas mecanicamente condicionadas, fruto das convenções culturais que regem o funcionamento da língua. As sentenças de observação, como diz Quine, são a ponte mais direta entre a linguagem e o mundo. Estas sentenças são as mais próximas da ocorrência dos estímulos sensoriais brutos e são nosso modo de colher informações sobre o mundo. Por isso, são verdadeiras em alguns momentos e falsas em outros.

---

<sup>96</sup> “What makes insensible things intelligibly describable is analogy, notably the special form of analogy known as extrapolation.” *WO*, pág.14

Há também as sentenças que independente dos fatos não têm seu valor de verdade alterado, as chamadas sentenças eternas. Porém, uma sentença que afirma ou descreve uma observação não é suficiente para a construção de uma teoria. As formulações teóricas devem apresentar também sentenças que relacionam uma observação com outra, mostrando condições para a ocorrência de um fato. Ainda, também é preciso que estas condições sejam fortes o suficiente, para não pensarmos ser gratuitas as relações mostradas entre os eventos observados. Estas observações mais fortes são observações categoriais, pois independem do espaço-tempo em que ocorrem. Os categóricos observacionais estão diretamente ligados às sentenças de observação, pois são delas dependentes. Por outro lado, eles são sentenças eternas, implicadas por um sistema de mundo esquematizado e reconstruído. Assim, através de uma taxonomia de sentenças, Quine constrói uma hierarquia ascendente, que vai da descrição de observáveis à construção de conceitos abstratos e não verificáveis empiricamente de modo direto. Este edifício lingüístico foi erigido com base em relações de estímulo e resposta, causa e efeito, ensino e aprendizagem de comportamentos e aplicações de palavras. Desta forma, Quine pretende mostrar que através do comportamentalismo lingüístico, mesmo os mecanismos lógicos e os processos inatos podem ser explicáveis empiricamente.

De posse destas informações podemos concluir que ainda que suas explicações sobre o aprendizado da linguagem contenham metáforas e descrições especulativas, podemos dizer, à favor de Quine, que ele oferece uma fundamentação empírica para um processo raramente explicado ou majoritariamente entendido como fruto de mecanismos subjetivos. Além disso, oferece novos conceitos para velhas intuições, onde sentenças de observação cumprem o papel das sentenças tradicionalmente conhecidas como sintéticas e as sentenças eternas cumprem a função das sentenças analíticas. A reconceitualização ocorre a fim de manter as intuições tradicionais mais próximas de um empirismo naturalista. Mas não é claro como estes conceitos contribuem para uma análise da linguagem e do pensamento que seja “mais científica” do que os tradicionais, pois o método utilizado para cumprir a estratégia empirista não se parece se diferir do método epistemológico tradicional. Ou seja, continua a ser um método que se vale de investigações *a priori*, especulativas e sem recurso às evidências provenientes de investigações práticas.

Quine não convence que seu trabalho investigativo seja, como ele deseja, mais próximo da ciência que de uma filosofia *a priori*. Isto porque ele sugere o uso de conceitos que cumprem uma função filosófica típica e utiliza outros que também são consagradamente parte da tradição, como os conceitos de referência, empirismo, objeto concreto e outros. Fica a pergunta: não estaria Quine sugerindo um novo método para a filosofia e ao mesmo tempo fazendo uso de práticas tradicionais? Se sim, qual seria a vantagem de uma epistemologia naturaliza frente a outras abordagens epistemológicas igualmente não fundacionistas? No volume da coleção Schillp, Nozick critica Quine por estas mesmas razões, e levanta mais questões sobre a nova taxonomia e os novos conceitos:

“Qual a necessidade ou propósito científico explicativo Quine vê nestas noções? Ou há algum papel não-explicativo e mais tradicionalmente filosófico que eles cumprem? Há algum bebê ou tudo é apenas a água da banheira?”<sup>97</sup>

Seu esforço na direção do cientificismo é louvável, pois, também, uma metafísica ingênua e um racionalismo estrito não são alternativas seguras frente à funcionalidade comprovada das ciências e tecnologias. Resta saber se o naturalismo conseguiu cumprir a tarefa que propõe.

Vejamos o artigo “Epistemologia Naturalizada”, a tentativa de sistematização do modo de filosofar empirista pragmático que procura estar em acordo com os desenvolvimentos científicos. Robert Fogelin apresenta o artigo afirmando que Quine inicia “Epistemologia Naturalizada” de um modo ímpar, anunciando algo que parece direcionar para idéias que ele mesmo não acredita.

“Mesmo havendo claras antecipações nos escritos anteriores de Quine a seu comprometimento com a epistemologia naturalizada, sua primeira apresentação completa aparece no ensaio “Epistemologia Naturalizada”(...) Quine começa este ensaio dizendo que ‘A Epistemologia se preocupa com as fundações da ciência’. Estranhamente, esta afirmação de abertura sugere um projeto bem oposto ao que ele está prestes a endossar.”<sup>98</sup>

A epistemologia, quando se diz comprometida com estudos fundacionais, remete a idéia de que há uma base, firme, onde o discurso científico se assenta,

<sup>97</sup> “What scientific explanatory purpose does Quine see these notions as necessary for? Or is there some non-explanatory and more traditionally philosophical role they play? Is there a baby, or is all bathwater?” “Experience, theory and language” Pág. 359

<sup>98</sup> “Though there are clear anticipations in Quine’s earlier writings of his commitment to a naturalized epistemology, its first full-dress presentation appears in his essay “Epistemology Naturalized”(...) Quine begins this essay declaring that “epistemology is concerned with the foundations of science”. Oddly, this opening claim naturally suggests a project quite the opposite of the one he is about to endorse” em “Aspects of Quine’s Naturalized Epistemology” pág. 19.



mas que ela mesma é diferente deste discurso. Sabemos que o centro da epistemologia naturalizada de Quine é o ataque a lugares argumentativos e teóricos que sejam mais seguros e firmes do que o discurso científico ele mesmo. A ciência empírica é o pano de fundo, a base, o objeto e o instrumento de investigação da própria ciência empírica. Para ilustrar um tipo de estudo fundacional, Quine faz considerações sobre o programa logicista afirmando que o reducionismo que procura fundamentar a matemática na lógica, ainda que seja matemática e filosoficamente fascinante, “não faz o que os epistemologistas esperariam disto: não revela as bases do conhecimento matemático e não mostra como a certeza matemática é possível.”<sup>99</sup>

Quine acredita que há um paralelo entre o que ocorre na fundamentação da matemática e a epistemologia das ciências naturais: “O paralelo é o seguinte. Assim como a matemática é para ser reduzida à lógica, ou lógica e teoria dos conjuntos, o conhecimento natural é baseado de alguma forma na experiência sensível.” Mas esta declaração nos faria imaginar que Quine considera, então, que o conhecimento natural mesmo sendo reduzido, de algum modo, à experiência sensível, esta redução não mostra as bases de como o conhecimento científico é possível. Estas conseqüências são verdadeiras em parte, pois Quine certamente pretende mostrar um empirismo baseado na ciência e, ainda assim, um empirismo fundado na experiência sensível. Quine mostra que o projeto empirista de Carnap falha ao propor um reducionismo de sentenças a termos da experiência e ao acreditar ser possível uma tradução entre sentenças e experiência. Quine afirma que a redução não é capaz de justificar nem esclarecer a natureza das teorias, porque “uma sentença típica sobre coisas corpóreas não tem um fundo de implicações experimentais que possa ser tomado como sua.”<sup>100</sup> Novamente, não é uma sentença que possui conteúdo empírico, apenas uma massa teórica tomada como um todo pode oferecer alguma implicação material e possibilitar predições. Quine defende que a falha do empirismo está no projeto reducionista, e que uma epistemologia naturalizada teria o aprendizado da linguagem e o todo da ciência

<sup>99</sup> “Reduction in the foundations of mathematics remains mathematically and philosophically fascinating, but it does not do what the epistemologists would like of it: it does not reveal the ground of mathematical knowledge, it does not show how mathematical certainty is possible.” em “Epistemology Naturalized” pág. 70

<sup>100</sup> “the empirical statement about bodies has no fund of experiential implications it can call its own. A substantial mass of theory, taken together, will commonly have experiential implications.” em “Epistemology Naturalized” pág. 79

como fundação. Holismo e comportamentalismo direcionam a epistemologia natural. Quine procura corrigir o empirismo de Carnap oferecendo explicações sobre como ocorre o conhecimento e a teoria do conhecimento:

“O estímulo das percepções sensoriais é toda evidência que qualquer um tem para, no final, chegar a um entendimento sobre o mundo. Porque então não ver apenas como esta construção acontece realmente? Porque não fazer uso da psicologia?”<sup>101</sup>,

Quine então define a nova epistemologia, uma que não seja independente, mas que faça uso da psicologia e das ciências: “Epistemologia, ou algo assim, simplesmente toma lugar como um capítulo da psicologia e, então, das ciências naturais.”<sup>102</sup> Neste ponto, é legítimo levantar novamente uma questão que é fundamental nesta dissertação: se Quine propõe uma epistemologia fundada em um corpo teórico (no caso a psicologia e as ciências naturais), como aceitar que esta epistemologia é um tipo de empirismo sem dogmas, ou mais radical? Aponto aqui uma das fragilidades que vejo no naturalismo de Quine: ao mesmo tempo em que procura filiar-se ao empirismo, o naturalismo tem como objeto de estudo teorias e não experiências. Daí derivou outra fragilidade: O naturalismo tenta não se colocar como uma teoria meta-científica, mas se seu objeto de estudo são as construções teóricas das ciências naturais, ou seja, nossa teoria sobre mundo, sua função investigativa não é nada mais que a de uma meta-teoria.

Em sua própria defesa, Quine diria que o naturalismo é diferente da epistemologia tradicional. Enquanto a epistemologia tradicional procurava dar conta da ciência natural, a nova epistemologia já está contida na ciência.

“A velha epistemologia aspirava conter, em um certo sentido, a ciência natural; ela iria reconstruí-la de alguma maneira a partir dos dados empíricos. Epistemologia em sua nova forma está, ao contrário, contida na ciência natural, como um capítulo da psicologia. (...) Há, então, uma contenção recíproca ainda que a noção de estar contido tenha diferentes sentidos: epistemologia na ciência natural e a ciência natural na epistemologia.”<sup>103</sup>,

<sup>101</sup>“The stimulation of his sensory perceptions is all the evidence anybody has had to go on, ultimately, in arriving at his picture of the world. Why not just see how this construction really proceeds? Why not settle for psychology?” *Ibid.* Pág. 75

<sup>102</sup> “Epistemology, or something like it, simply falls into place as a chapter of psychology and hence of natural sciences” *Ibid.* Pág. 82

<sup>103</sup> “The old epistemology aspired to contain, in a sense, natural science; it would construct it somehow from sense data. Epistemology in its new setting, conversely, is contained in natural science, as a chapter of psychology. (...) There is thus reciprocal containment, though containment in different senses: epistemology in natural science and natural science in epistemology” *Ibid.* Pág. 83

Ainda assim, mesmo contida na ciência e reivindicado uma novidade metodológica, a epistemologia natural procura explicá-la como a epistemologia tradicional fazia. Quine afirma que há uma novidade metodológica: “agora podemos usar livremente as ciências empíricas<sup>104</sup>”. Este uso livre dos resultados das ciências empíricas seria legítimo na medida em que a epistemologia é um capítulo da psicologia e da ciência natural. Mas esta consideração traz outra fragilidade: Quine parece não considerar os riscos de se assumir uma teoria acriticamente, como se o corpo teórico das ciências naturais fosse bem estabelecido. O naturalismo de Quine pode dar lugar a um uso mal feito dos resultados científicos, além de sugerir um realismo científico ingênuo.

*Pursuit of Truth* é um livro tardio, de 1992, onde Quine procura resumir e atualizar seus pontos de vista sobre os fundamentos do conhecimento e outros assuntos como o significado cognitivo e a referência objetiva. Como a maioria de seus escritos sobre tais temas encontravam-se espalhados em diferentes artigos e conferências, ali ele procura organizar e definir melhor algumas idéias. Muito do que se encontra escrito neste livro já havia sido enunciado em outro lugar.

Já na introdução do livro Quine enuncia, novamente, a tese de que a ciência é fruto de estímulos sensoriais: “Dos impactos em nossas superfícies sensoriais, nós em nossa criatividade coletiva e acumulada por gerações projetamos nossa teoria sistemática do mundo externo.<sup>105</sup>” Desta constatação, Quine levanta a questão “Como fazemos isso?<sup>106</sup>” Ao invés de recorrer de modo livre a uma explicação psicológica ou a uma teoria científica qualquer, Quine singulariza o papel da epistemologia. Afirma, então, que há uma parte na confusa relação entre estímulos sensoriais e nossa teoria científica sobre o mundo que pode ser separada e estudada sem que precisemos fazer uso da psicologia, neurologia, psicolinguística, genética e história. Esta parte das teorias é aquela que pode ser testada pelas previsões que fazem, onde as relações que a teoria mantém com os suportes evidenciais podem ser esquematizadas e analisadas pura e simplesmente através da análise lógica. Parece que Quine particulariza a função da

<sup>104</sup> “Now we can make free use of empirical sciences” *Ibid* Pág. 83..

<sup>105</sup> “From impacts on our sensory surfaces, we in our collective and cumulative creativity down the generations have projected our systematic theory of the external world” *Pursuit of Truth* Pág. 1

<sup>106</sup> “How have we done it?” *Ibid*.

epistemologia, dando a ela uma função que independe das ciências e seus métodos.

A análise epistemológica consiste em avaliar o suporte lingüístico das ciências, que envolve tanto um estudo empírico quanto lógico. Esta análise é possível com recurso ao que Quine chama de sentenças de observação. As sentenças de observação formam um conjunto que fundamenta uma teoria científica, e elas podem ter sua verdade ou falsidade confirmadas pela observação.

“A sentença de observação é o meio de verbalizar a predição que chega a teoria. (...) Sentenças de observação são o veículo da evidência científica. (...) Mas também eles são a fenda que permite a entrada no aprendizado de uma linguagem.”<sup>107</sup>,

As sentenças de observação se mantêm associadas a estímulos através de respostas condicionadas. Para Quine, mesmo as sentenças mais primitivas da linguagem trazem consigo parcelas de teorizações e assim, todos os tipos de sentença sejam elas observáveis ou não são “theory-laden”, ou seja, possuem uma carga teórica. Esta noção é fruto de sua abordagem holística, que considera a linguagem como uma totalidade inseparável. O fato de que há cargas teóricas nas sentenças de observação que, mesmo indiretamente, as ligam a teorias mais amplas é considerado por Quine como uma resposta à necessidade de se criar uma ponte que explique a conexão entre termos observáveis e termos teóricos. Para ele, a própria linguagem é o pano de fundo que conecta todos os tipos de termos. Assim, quando aceitamos uma hipótese, não o fazemos tendo em vista observações puras e simples, mas aceitamos junto com ela uma grande parcela de teoria que a sustenta. Isto quer dizer que mesmo que uma observação refute uma afirmação categórica necessária na estrutura da teoria, ela não falsifica a teoria como um todo. O que ela refuta é certo conjunto de sentenças que sustenta tal afirmação negada. Mas como toda sentença encontra-se previamente ligada às outras por causa de sua carga teórica, fica difícil saber qual delas é responsável pela afirmação falsa. Quine assume então um princípio de mutilação mínima, procurando revisar apenas as partes não essenciais das teorias, mantendo ao máximo sua inteireza. Revisar uma teoria é um procedimento que pode ser

---

<sup>107</sup> “The observation sentence is the means of verbalizing the prediction that checks the theory. (...) Observation sentences are thus the vehicle of scientific evidence (...) But also they are the entering wedge of learning of language.” *Pursuit of Truth* pág. 5

realizado de diversas maneiras, mas que Quine insiste em ser feito com economia. Quine considera a simplicidade como um atrativo para as teorias. Cientistas econômicos buscam a simplicidade:

“É não balançar o barco mais do que ele precisa ser balançado. Simplicidade na teoria resultante é outra consideração que deve guiar, entretanto, e se cientistas conseguem ver algum ganho na simplicidade, ele já está preparado para balançar o barco consideravelmente em nome disto. (...) maximizar a simplicidade e minimizar a mutilação são máximas que para as quais a ciência se empenha em reivindicar em predições futuras<sup>108</sup>”

Isto porque, tendo em vista o aspecto unificador do holismo, se balançarmos demais o barco, ou seja, se modificarmos e revisarmos demais, corremos o perigo de perder por completo a teoria científica. As sentenças da ciência não têm conteúdo empírico separado e elas só fazem sentido quando tomadas em conjunto.

Assim, nesta curta análise das considerações tardias de Quine sobre o naturalismo, podemos perceber que o papel relegado à epistemologia é mais específico e menos dependente dos resultados das ciências naturais do que em *Word and Object* e “Epistemologia Naturalizada”. A epistemologia seria responsável por uma exegese lingüística, e sua continuidade com a ciência se daria através da linguagem que se encontra sempre carregada de teoria. Talvez aqui eu possa levantar outra fragilidade na caracterização que Quine faz do naturalismo: não está claro o papel que a epistemologia deve cumprir.

### 3.3. Fragilidades da epistemologia naturalizada de Quine

Em *Pursuit of Truth*, Quine resume o princípio que move o naturalismo: “A norma mais notável da epistemologia naturalizada coincide com aquela da epistemologia tradicional. É simplesmente o código do empirismo: *nihil in mente quod non prius in sensu*.<sup>109</sup>” O naturalismo segue os passos do empirismo e considera que toda informação que temos e podemos ter sobre o mundo vem dos sentidos. Este princípio epistemológico está presente desde os primeiros trabalhos

<sup>108</sup> “It is well, not to rock the boat more than need be. Simplicity of the resulting theory is another guiding consideration, however, and if scientist sees is way to a big gain in simplicity he is even prepared to rock the boat very considerably for the sake of it. (...) maximization of simplicity and minimization of mutilation are maxims by which science strives for vindication in future predictions.” *Pursuit of Truth*, pág. 15

<sup>109</sup> “The most notable norm of naturalized epistemology actually coincides with that of traditional epistemology. It is simply the watchword for empiricism: *nihil in mente quod non prius in sensu*.” *Pursuit of Truth*, pág. 19

de Quine e sua primeira grande defesa é o artigo “Dois Dogmas do Empirismo”, onde critica métodos de investigação a priori. Ali também sugere uma mudança no empirismo a fim de dar à experiência um valor ainda maior, pois acredita que toda linguagem é ligada aos fatos e coisas experimentadas. Como considera que a metafísica não nos dá nenhuma segurança e garantia de conhecimento, acredita que a ciência e a filosofia dividem o mesmo status epistemológico. A filosofia, por ser uma construção teórica enraizada na experiência do mesmo modo que as ciências, ela não pode ser considerada fruto de reflexões apriorísticas. Assim, o naturalismo de Quine é uma tentativa de reorientar o empirismo e a metafísica, onde seu objetivo principal é mostrar como os inputs sensoriais estão ligados às teorias que aceitamos. Entende que evidências para teorias são necessariamente evidências empíricas e que as evidências empíricas podem ser reduzidas a estímulos de receptores sensoriais. De acordo com o naturalismo, é através do método científico e do estudo das experiências que podemos saber o que existe e como as coisas são.

Entretanto, mesmo dando importância às evidências sensoriais, Quine não as considera suficiente para determinar uma teoria. Mais adiante, tentarei mostrar que dado o ponto de vista de Quine sobre a subdeterminação, o papel relegado à experiência é menos crucial do que ele afirma quando trata do naturalismo. A análise da subdeterminação é interessante na medida em que traz uma questão para o empirismo: se há teorias alternativas que são igualmente garantidas pelas evidências sensíveis, qual o real papel da experiência na construção e determinação das teorias? Segundo o naturalismo temos que as teorias são veículos do significado empírico e que “qualquer evidência que há para a ciência é evidência sensível.”<sup>110</sup> Mas em relação à subdeterminação Quine diz “se em face de observações adversas nós estamos sempre livres para escolher entre várias modificações adequadas para nossa teoria, então todas as observações possíveis são insuficientes para determinar uma teoria de modo único.”<sup>111</sup> Assim, interpretando a conjunção entre naturalismo e subdeterminação, podemos concluir

---

<sup>110</sup> “whatever evidence there is for science is sensory evidence.” em “Epistemology Naturalized” Pág. 75

<sup>111</sup> “If in the face of adverse observation we are free always to choose among various adequate modifications of our theory, then presumably all possible observations are insufficient to determine a theory uniquely.” em “Empirically Equivalent Systems of the World” Págs. 228- 229.

que em certa altura do entendimento epistemológico de Quine a experiência não é suficiente para a construção de teorias.

Sabemos que ao longo de boa parte de seu percurso filosófico, Quine se coloca contra a idéia de existência de entes abstratos, renunciando linguagens intensionais que os incluam. Para ele, as classes, relações e propriedades não podem ser caracterizadas como entidades porque não existem no tempo e no espaço. Porém, a tradição filosófica considera a lógica e matemática como disciplinas puras que não têm sua correção garantida pela experiência porque suas formulações não dizem respeito a nenhuma disposição de coisas no mundo. Assim, é ponto comum na história da filosofia considerar matemática e a lógica como ciências puramente teóricas que não possuem conteúdo empírico. Ainda que este posicionamento filosófico seja compartilhado pelos empiristas lógicos<sup>112</sup>, Quine não o considera evidente porque é preciso aceitar a dissociação entre lógica e experiência, ou entre matemática e experiência. A proposta de eliminação de dogmas no empirismo e na tradição envolve, portanto, a negação desta dissociação e a defesa de que a todas as disciplinas teóricas compartilham do mesmo estatuto. Ou seja, são fruto de construções lingüísticas que por sua vez decorrem de experiências particulares.

O projeto de empirismo naturalista construído por Quine decorre de um questionamento sobre a “pureza” das ciências teóricas, mas ele mesmo não consegue dissociar de sua prática filosófica metodologias *a priori* e instrumentos exclusivamente teóricos. É este o problema que pretendo mostrar que há na epistemologia naturalista de Quine: ao mesmo tempo em que propõe uma investigação fundada na experiência, no comportamento e nas evidências empíricas e científicas, oferece saídas para esta construção que não estão de acordo com o princípio que ele mesmo defende. Quine faz uso de métodos de investigação *a priori* para mostrar que a filosofia deve abdicar de investigações *a priori*.

Por isso, não é coerente a idéia de que Quine propõe um empirismo radical, moderado ou mesmo um empirismo *scriptu sensu*. A única demanda mais forte de

---

<sup>112</sup> “The philosophers of science who have contributed the lion’s share to the clarification of mathematics, logic, and the relation of these formal sciences to experience, are the logical positivists. And it is one of their characteristic tenets that the laws or truths of logic are tautologies and thus have no “factual content”; another terminology often used to make the same claim is that they are “analytic”, in contrast to the synthetic propositions established by the factual sciences.” em “The Laws of Logic” págs. 94-106.

seu naturalismo é a exigência de se colocar todas as disciplinas, teóricas ou práticas, em um mesmo pé epistemológico, vinculando suas origens ao aprendizado da linguagem. O livro de 1970, *Filosofia da Lógica*, onde Quine retoma o problema do papel da lógica no conhecimento começa com a afirmação: “eu devo argumentar contra a doutrina de que as verdades lógicas são verdadeiras por causa da gramática ou por causa da linguagem, contra a obliquidade típica das generalidades lógicas.” Procura sustentar que a lógica não é uma questão meramente de palavras ou símbolos, mas o resultante de dois componentes, a gramática e a verdade. A verdade para Quine são os fatos empíricos que permitem considerarmos uma determinada sentença como verdadeira ou falsa. O princípio de identidade só é simulado pela lógica. Mas esta identidade, mas essa identidade que é exigida tem um grau de precisão tão alto, que nada, além da própria lógica pode seguir e ter esta forma. Pode-se questionar, então, se a lógica não ocupa em Quine o lugar de uma filosofia primeira, ganhando o estatuto de disciplina mais segura do que a própria investigação empírica.